

IAN KERSHAW

O fim do Terceiro Reich

A destruição da Alemanha de Hitler, 1944-1945

Tradução
Jairo Arco e Flexa



Copyright © 2011 by Ian Kershaw
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The End: The Defiance and Destruction of Hitler's Germany, 1944-1945

Capa

Kiko Farkas e Roman Atamanczuk / Máquina Estúdio

Foto de capa

Bettmann / Corbis / Latinstock

Revisão da tradução

Ronald Fucs

Preparação

Officina de Criação

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Ana Maria Barbosa

Marise S. Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, s/n, Brasil)

Kershaw, Ian

O fim do Terceiro Reich : A destruição da Alemanha de Hitler,
1944-1945 / Ian Kershaw ; tradução Jairo Arco e Flexa — 1^a ed. — São
Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Titulo original : The End : The Defiance and Destruction
of Hitler's Germany, 1944-1945.

ISBN 978-85-359-2579-1

1. Alemanha - Política e governo - 1933-1945 2. Hitler,
Adolf, 1889-1945 3. Hitler, Adolf, 1889-1945 - Liderança militar 4.
Título.

15-01183

CDD-943.086092

Índice para catálogo sistemático:

1. Hitler, Adolf : Chefes de Estado : Período do Terceiro Reich :
Alemanha : História 943.086092

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Lista de imagens</i>	7
<i>Lista de mapas.....</i>	10
<i>Agradecimentos</i>	II
<i>Prefácio</i>	15
<i>Dramatis personae.....</i>	21
Introdução: Mergulho no abismo	25
1. Um choque no sistema	41
2. Colapso no oeste	82
3. Amostra do horror	124
4. Esperanças criadas — e desfeitas	164
5. Calamidade no leste	206
6. O terror dentro de casa.....	250
7. O desmoronamento das fundações.....	294
8. Implosão.....	345
9. Liquidação	405
Conclusão: Anatomia da autodestruição	447

<i>Notas</i>	465
<i>Lista de fontes de arquivos citadas</i>	555
<i>Lista de obras citadas</i>	557
<i>Índice remissivo</i>	577

I. Um choque no sistema

Hitler precisa de uma bomba debaixo do rabo para usar a razão.

Joseph Goebbels, 23 de julho de 1944¹

I

Era o começo do fim para o Terceiro Reich. Nos últimos dias de julho de 1944, os desembarques do Dia D dos Aliados ocidentais, que haviam ocorrido na Normandia em 6 de junho de 1944, estavam consolidados. Tropas e armamentos eram despachados para o continente em quantidades cada vez maiores. O ataque direto por terra ao próprio Reich já estava sendo cogitado. No front oriental, o Exército Vermelho, em sua maciça ofensiva “Operação Bagration”, desfechada apenas uma quinzena depois do Dia D, havia esmagado as defesas do Grupo de Exércitos Centro da Wehrmacht (uma imensa formação de 48 divisões, em quatro exércitos, essencialmente posicionada numa extensão de setecentos quilômetros do enorme front), causando grandes perdas e avançando mais de trezentos quilômetros. Ao sul, Roma tinha caído em poder dos Aliados, e as tropas alemãs, acuadas, lutavam na retaguarda perto de Florença. Enquanto isso, um número cada vez maior de cidades e aldeias alemãs sofria implacáveis ataques aéreos.

Com recursos materiais e humanos beirando o esgotamento e uma capacidade muito inferior à das forças combinadas do inimigo, que agora obrigava a Wehrmacht a recuar nas operações do leste, oeste e sul, o regime de Hitler havia entrado irremediavelmente na contagem regressiva.

Pelo menos, era assim que os Aliados ocidentais viam o quadro. Eles confiavam que a guerra teria terminado no Natal.² Do ponto de vista germânico, a situação era outra. Entre os alemães, as atitudes a respeito do estado da guerra e dos projetos do país variavam amplamente, tanto no nível da elite, entre as lideranças civis e militares do Reich, como entre a população no “front doméstico” e os milhões de homens a postos para o combate. Derrotismo, uma aceitação relutante de que a guerra estava perdida, reconhecimento da superioridade de forças do inimigo, confiança cada vez menor em Hitler e um evidente receio quanto ao futuro tornavam-se dia a dia mais evidentes. Por outro lado, o apoio ao regime, não apenas entre os nazistas fanáticos, estava ainda bastante difundido. E muitos, nos escalões superiores e inferiores, recusavam-se a contemplar a possibilidade da derrota. O inimigo — aquela amaldiçoada coalizão entre as democracias ocidentais e a União Soviética comunista — poderia ainda ser repelido se o esforço de guerra fosse revigorado; e, se ocorresse uma profunda derrota, haveria a possibilidade de uma cisão entre os adversários; armas novas e devastadoras estavam a caminho e haveriam de provocar uma reviravolta nas fortunas da guerra; e, caso sofressem reveses significativos, os Aliados se veriam obrigados a pensar num acordo, deixando à Alemanha alguns de seus ganhos territoriais e contemplando-a com uma paz honrosa. Pensamentos desse tipo de modo algum haviam desaparecido no verão de 1944.

Entre a massa da população, no entanto, o sentimento predominante em meados de julho de 1944 era de preocupação e ansiedade crescentes. Mesmo com todas as críticas cuidadosamente formuladas aos líderes do regime (incluindo o próprio Hitler) e, em particular, ao Partido Nazista e seus representantes, a grande maioria dos cidadãos comuns era inquestionavelmente leal em seu apoio ao esforço de guerra. O clima era de ansiedade, não de rebeldia. Não havia o menor traço de algo similar à crescente insatisfação que acabaria explodindo em revolução aberta em 1918, apesar da fixação patológica de Hitler com o colapso interno daquele ano. Havia planos de emergência para lidar com a possibilidade de um levante de trabalhadores estrangeiros (cujo número, a essa altura, somado aos prisioneiros de guerra, ultrapassava 7 milhões). Mas não existia nenhuma expectativa séria de revolução por parte da população alemã.

Relatórios regionais do SD (*Sicherheitsdienst*; Serviço de Segurança) indicavam um crescente clima de apreensão, que às vezes gerava um estado de paralisia e “depressão profunda”, chegando à “psicose de ansiedade” e ao “progressivo pânico” diante das notícias do avanço do Exército Vermelho no leste. Havia intensa preocupação com o que poderia acontecer à Prússia Oriental. O povo temia que, uma vez em território alemão, nunca mais fosse possível expulsar os russos de lá. Essa apreensão era profunda, em particular, entre as mulheres. “O front oriental provavelmente desmoronará logo”, dizia um comentário que foi divulgado. “Se os bolcheviques entrarem aqui, é melhor que nos enforquemos todos, junto com nossas crianças. O Führer deveria fazer a paz com a Inglaterra e os Estados Unidos. Não é mais possível ganhar a guerra.” Não se tratava de um sentimento isolado.

Apesar de ofuscadas pelos acontecimentos no leste, as atitudes em relação ao front ocidental também eram sombrias, com um reconhecimento geral da imensa superioridade do inimigo em homens e recursos. Ainda havia esperança quanto às prometidas “armas miraculosas”, embora expectativas exageradas sobre o impacto dos mísseis V1 nos ataques aéreos a Londres tivessem gerado uma atmosfera de desapontamento e ceticismo quanto às informações divulgadas pela propaganda do regime. E a inabilidade da Luftwaffe em oferecer proteção contra os “ataques de terror aéreo” que ocorriam em plena luz do dia era uma fonte constante de ira e de contínua e crescente ansiedade. O colapso da Wehrmacht no leste fez com que muitos buscassem explicações e bodes expiatórios. Tinham igualmente impacto negativo no sentimento geral os relatos de soldados que estavam de licença e comentavam sobre o moral das tropas, relatando sua falta de confiança na vitória e a inabilidade dos oficiais, acostumados ao conforto de suas posições na retaguarda, no sentido de proporcionar uma defesa adequada. E um número cada vez maior de famílias recebia as temidas visitas do líder local do Partido Nazista, com a notícia de que um parente amado havia tombado no front de batalha. “Por quanto tempo conseguiremos resistir?” era uma pergunta frequente.³

Do outro lado do espectro de opiniões, na elite do regime, ninguém falava nessas questões, fossem ou não cogitadas tacitamente. Os líderes nazistas continuavam manifestando apoio total e lealdade a Hitler, entre outros motivos porque era só dele que seu próprio poder dependia. Mas havia frustrações, assim como uma permanente disputa por posições de prestígio, algo endêmico no Ter-

ceiro Reich. Hermann Göring continuava sendo o sucessor designado de Hitler. Sua popularidade, no entanto, evaporara, e dentro da elite nazista sua estrela estava cada vez mais apagada em razão dos sucessivos fracassos da Luftwaffe. Hitler era acometido de frequentes crises de raiva, provocadas pela impotência do comandante em chefe da Luftwaffe em impedir a destruição das cidades alemãs. Bem de acordo com as características de sua personalidade, porém, ele não estava disposto a demitir Göring, consciente da perda de prestígio que isso acarretaria e do bônus que a medida representaria para a propaganda inimiga. Outro personagem que perdera sua antiga preeminência era o outrora influente ministro do Exterior, Joachim von Ribbentrop, cujas predições e iniciativas tinham se mostrado todas catastroficamente equivocadas. Ele, também, agora quase não era consultado — entre outros motivos porque, na verdade, a essa altura não havia política externa a conduzir.

Enquanto alguns figurões do nazismo estavam em baixa, outros tiravam proveito da adversidade. Martin Bormann, chefe da Chancelaria do Partido, valia-se mais do que nunca de sua constante proximidade de Hitler, controlando o acesso à presença do ditador e servindo como porta-voz de seu senhor. Bormann, nascido em 1900, figura despretensiosa no uniforme que lhe caía mal, baixo, atarracado, de pescoço grosso, meio calvo, era odiado e temido em proporções iguais pelos líderes nazistas, que sabiam bem como ele agia de maneira implacável, conheciam sua capacidade de intriga e as oportunidades que ele tinha para exercer influência sobre Hitler. Bormann fora durante muito tempo indispensável para o Führer, como um personagem que se movimentava nos bastidores, administrando por vários anos suas finanças e supervisionando em meados da década de 1930 a construção do Berghof, o retiro palaciano do ditador em Obersalzberg, nas proximidades de Berchtesgaden. Seu grande trunfo era a confiança irrestrita que Hitler depositava nele. Bormann havia ascendido praticamente sem ser notado no escritório central do partido em Munique, onde, com suas incansáveis energia e eficiência, aliadas à necessária habilidade em abrir caminho à força, conquistou o domínio do aparato burocrático do partido. No entanto, ele não era um mero funcionário. Já tinha atuado em organizações antisemitas e paramilitares nos anos 1920, antes de conseguir aproximar-se de Hitler, e havia cumprido pena na prisão por seu envolvimento com um assassinato político. Seu fanatismo ideológico manteve-se intacto até o fim.

Em 1929, Bormann casou-se com Gerda, nazista fanática como ele e filha do

chefe do tribunal do partido (instância na qual se decidiam questões disciplinares da organização), Walter Buch. O casal teve dez filhos (nove dos quais sobreviveram, oito deles convertendo-se ao catolicismo depois da guerra; um chegou a ser ordenado padre, apesar — ou talvez em consequência — do ódio radical que os pais nutriam pela Igreja católica). Pelo que se depreende de sua correspondência, os Bormann parecem ter sido muito dedicados um ao outro. O casamento, no entanto, estava longe de ser convencional. Gerda teve uma reação bastante positiva quando o marido lhe contou, em janeiro de 1944, que tinha conseguido seduzir a atriz Manja Behrens, manifestou esperanças de que ela lhe desse um filho e até fez o rascunho de um projeto de legalização da bigamia.

A essa altura, Bormann era um dos homens mais poderosos da Alemanha. Logo após o voo de Rudolf Hess à Inglaterra, em maio de 1941, ele já se tornara a escolha óbvia para assumir a direção do partido e, assim que Hitler o nomeou chefe da Chancelaria, rapidamente consolidou o controle sobre a burocracia da organização. Seu papel como factótum de Hitler enfim ganhou reconhecimento formal em abril de 1943, quando recebeu o título de “secretário do Führer”. Quando o brilho da Alemanha começou a se esvanecer, Bormann valeu-se de sua posição de comando na administração central do partido, apoiado pelo fanático Robert Ley, líder da Organização do Reich (e chefe da Frente Alemã do Trabalho), para revigorar a agremiação nazista e expandir sua área de atuação, reforçando assim uma segunda fonte de poder e tornando-se personagem de importância crucial.⁴

Contudo, havia limites ao poder de Bormann, que não podia impedir que outras figuras de proa do regime tivessem acesso a Hitler e exercessem influência sobre ele. Mesmo dentro do partido, Bormann enfrentava certas restrições. Não conseguiu ser tão bem-sucedido na pretensão de estender seu poder aos chefes regionais, cerca de quarenta, os *Gauleiter*. Embora lhe fossem oficialmente subordinados, alguns deles, “velhos companheiros” de lutas que já haviam provado seu valor quando o partido dava os primeiros passos, em muitos casos tinham linha direta com Hitler, o que limitava o controle de Bormann. Um *Gauleiter* que personificava essas dificuldades de se impor algum tipo de controle centralizado — na verdade, qualquer tipo de controle, mesmo por parte das autoridades da Wehrmacht em sua região — era Erich Koch, que conduzia seu domínio na Prússia Oriental como se estivesse em um feudo particular.⁵ Como muitos outros *Gauleiter*, Koch tinha sido nomeado comissário de defesa do Reich, cargo que lhe dava

amplos poderes na organização da defesa civil e consequentemente a possibilidade, que ele logo tratou de aproveitar, de interferir, em sua província, em assuntos fora da alçada do partido. Já em meados de julho de 1944, Koch usava seu acesso direto a Hitler para barrar uma proposta de Goebbels. O ministro da Propaganda e *Gauleiter* de Berlim negociara com as autoridades ferroviárias a evacuação de aproximadamente 170 mil berlineses que, depois do bombardeio sofrido pela capital, haviam se refugiado na Prússia Oriental. Essa região encontrava-se agora em perigo. Koch conseguiu que Hitler limitasse a evacuação a apenas 55 mil mulheres e crianças, abrigadas em um pequeno número dos distritos mais ameaçados pelos ataques aéreos soviéticos. Foi a primeira de várias intervenções de Koch no sentido de impedir evacuações em sua região, provocando confusões administrativas e, o que se mostrou muito mais grave, com consequências fatais para os habitantes da Prússia Oriental.⁶

O enorme aumento do poder conquistado por Heinrich Himmler (chefe da ss, comandante da polícia alemã, comissário do Reich para o Fortalecimento da Nacionalidade Alemã e ministro do Interior do Reich) lhe concedera extraordinária habilidade no controle de todos os aparelhos repressivos do regime nas regiões ocupadas da Europa. O sinistro personagem, dotado de tão imensos poderes, então com pouco mais de quarenta anos, era um indivíduo estranho, mal-humorado, mas também um ideólogo fanático. Sua aparência não causava grande impressão: estatura não mais do que mediana, porte delgado, rosto pálido no qual predominava o bigode fino, óculos sem aro, queixo recuado, cabelo seguindo um padrão extremo do corte rente nos lados e atrás. Ele tratava seus líderes da ss de forma paternalista e exigente, exortando-os a seguir as virtudes da “decência” ao mesmo tempo que presidia o assassinato orquestrado de milhões de judeus na “Solução Final”. Como o mais temido líder nazista abaixo de Hitler, Himmler conseguira expandir ainda mais seu poder dentro da Alemanha ao substituir Wilhelm Frick como ministro do Interior do Reich, em agosto de 1943. Esse novo cargo tornava desnecessária sua intenção de criar um Ministério da Segurança do Reich, retirando a polícia do Ministério do Interior e colocando-a sob sua autoridade.⁷ Em julho de 1944, o chefe supremo da ss, faminto por poder, encaminhava-se para estender mais ainda seu império, a essa altura na esfera da Wehrmacht. A rivalidade com a Wehrmacht sempre constituíra um freio ao crescimento do braço militar de Himmler, a Waffen-ss. Mas em 15 de julho, Hitler atribuiu a Himmler a responsabilidade pela doutrinação dos ideais nazistas e pelo controle da disciplina militar

em quinze novas divisões do Exército que estavam sendo planejadas.⁸ Tratava-se de um avanço importante nos domínios da Wehrmacht.⁹

Joseph Goebbels (ministro da Propaganda do Reich e chefe do setor de propaganda do partido) e Albert Speer (ministro dos Armamentos e da Produção de Guerra do Reich) haviam aproveitado as necessidades da guerra para enfatizar a Hitler a noção de que lhe eram indispensáveis. As baixas no front tinham causado um grande desfalque no número de combatentes.¹⁰ A destruição de equipamentos demandava o fornecimento urgente de novos armamentos. Era preciso procurar por toda parte para conseguir outras fontes de recrutamento para a Wehrmacht, bem como para a produção de armas e munições. Igualmente imperiosos eram novos esforços de propaganda, vitais para mobilizar a população, levando os alemães a reconhecer a necessidade de grandes sacrifícios pelos interesses da guerra. Aqui, no entanto, tornavam-se evidentes as frustrações com a liderança de Hitler, ainda que dentro de um quadro de lealdade inquestionável. Elas estavam centralizadas na falta de disposição do Führer de ceder às exigências de uma “guerra total”, o que significaria medidas muito mais drásticas a fim de maximizar o recrutamento para a Wehrmacht e para a produção de guerra.

Goebbels — um homem pequeno de quase cinquenta anos, muito manco da perna direita (uma deformidade da qual ele tinha plena consciência), um dos mais inteligentes líderes nazistas, dono de uma ironia cruel, implacável e dinâmico, hábil na organização, seguidor fanático de Hitler que, com seu domínio da propaganda, foi capaz de combinar um cinismo profundo com o mais brutal fanatismo ideológico — pressionava, desde fevereiro de 1943, imediatamente após a desastrosa derrota em Stalingrado, para que o país entrasse na “guerra total” (maximização de todo tipo de recursos humanos concebíveis ainda não aproveitados e corte drástico de toda atividade não essencial à economia de guerra). A essa altura, Speer tinha se unido a ele na campanha para reorganizar e revitalizar, com a maior urgência, o esforço de guerra no país. Goebbels desejava acima de tudo assumir o comando do front doméstico, deixando que Hitler se concentrasse nas questões militares. Mas nesse sentido o Führer havia tomado decisões pouco mais que simbólicas, e a guerra total era praticamente só um slogan de propaganda. Numa demorada reunião privada com Hitler em 21 de junho de 1944, pouco antes da investida soviética no front oriental, mas com os desembarques aliados no norte da França constituindo uma grande e clara ameaça, Goebbels voltou a defender com veemência a necessidade da guerra

total, além de uma ampla revisão na estrutura política e militar de comando. Hitler mais uma vez se opôs. Afirmava que pretendia, no momento, agir “conforme a linha evolucionária, e não revolucionária”.¹¹

Em julho, o esgotamento da força de trabalho como consequência das invasões inimigas no leste e no oeste havia levado Albert Speer a unir forças com Goebbels na tentativa de convencer Hitler a adotar medidas de guerra total, aproveitando ao máximo todas as reservas de mão de obra ainda disponíveis. Speer — na época com apenas 39 anos, de boa aparência, culto e muito inteligente, extremamente talentoso como organizador e administrador e, desde o início, bastante ambicioso — em pouco tempo firmou-se, na década de 1930, como um dos “favoritos da corte”, ao explorar a paixão de Hitler por grandes projetos arquitetônicos. Antes de completar trinta anos, recebeu do ditador a incumbência de projetar o estádio para a Convenção do Partido do Reich em Nuremberg. Em 1937, tornou-se responsável pela transformação de Berlim numa capital condizente com uma raça superior. No último ano de paz entregou a Hitler, cumprindo o prazo e trabalhando a toda a velocidade, a imponente nova Chancelaria do Reich. Hitler viu em Speer o arquiteto genial que ele próprio havia sonhado em se tornar. Speer, por seu lado, tinha reverência por Hitler e estava intoxicado pelo poder que lhe traziam os favores do ditador.

Quando Fritz Todt, encarregado da produção de armamentos e munições, morreu num desastre aéreo misterioso em fevereiro de 1942, Hitler, de forma um tanto surpreendente, nomeou Speer para a função de novo ministro dos Armamentos, com amplos poderes. Desde então, Speer conseguiu aumentar de maneira extraordinária a produção de armamentos. Mas estava ciente de que havia alcançado seus limites. Não era possível competir com a superioridade dos Aliados.¹² Num memorando enviado a Hitler em 12 de julho, Speer disse estar de acordo com a argumentação do ditador segundo a qual aquela situação de crise poderia ser superada num prazo de aproximadamente quatro meses com a ajuda de novas armas, em especial o foguete A4 (que logo teria o nome trocado para V2). E concordou que, apesar de todas as dificuldades, seria possível recrutar novos elementos, vindos de diferentes setores da economia, incluindo a área de armamentos, para tornar a suprir a Wehrmacht. Ao mesmo tempo, argumentava que seria preciso fazer de tudo para fortalecer a capacidade de trabalho na indústria de equipamentos de guerra, e não apenas por meio de novos trabalhadores estrangeiros recrutados nos territórios ocupados pelo império nazista. Era essen-

cial exigir da população o máximo empenho, com o objetivo de tornar a guerra total uma realidade. As pessoas estavam dispostas a fazer os sacrifícios necessários em sua vida cotidiana, sustentava Speer, uma crença que os relatórios sobre as pesquisas internas realizadas pelo SD pareciam comprovar.¹³ Ele sugeriu que um grande número de mulheres poderia ser liberado para o trabalho e que os aperfeiçoamentos na área organizacional seriam capazes de criar fontes adicionais de mão de obra. Entre as recomendações de Speer destacava-se a adoção de medidas severas para “revolucionar” as condições de vida. De acordo com ele, o anúncio da mobilização das derradeiras reservas produziria um entusiasmo não visto desde as guerras contra Napoleão, no começo do século XIX.¹⁴

Hitler por fim deu a indicação de que aceitava a necessidade de ação. O chefe da Chancelaria do Reich, Hans-Heinrich Lammers, figura algo apagada, informou em 17 de julho que Hitler queria uma reunião dos representantes dos ministérios, relacionada principalmente a um “próximo remanejamento estratégico de homens e mulheres para a defesa do Reich”, que deveria ocorrer em quatro dias.¹⁵

Fazendo de tudo para pressionar por medidas da guerra total, Goebbels encarregou-se, em 18 de julho — seguindo os rumos traçados por Speer e em plena coordenação com o ministro dos Armamentos —, de uma manobra com o mesmo objetivo.¹⁶ Em seu memorando a Hitler, Goebbels afirmava ser urgente conceder amplos poderes a um único homem (e pensava obviamente em si mesmo), que atuaria em níveis regionais por meio dos *Gauleiter* para desencadear a ação. As rigorosas medidas que tinha em mente, alegava, seriam capazes de criar cinquenta novas divisões para a Wehrmacht em menos de quatro meses.¹⁷

Apenas uma semana após o primeiro memorando, Speer elaborou o segundo, fornecendo números sobre a força de trabalho nas áreas de armamentos, administração e negócios, chamando a atenção para os erros de organização que haviam provocado um enorme desperdício no aproveitamento da mão de obra e indicando fontes potenciais de recrutamento para fortalecer a Wehrmacht. Ele calculava (embora os números fossem fortemente contestados por aqueles que teriam a responsabilidade de ceder a mão de obra) que poderiam ser encontrados para a Wehrmacht 4,3 milhões de homens a mais, por meio de um processo guiado por máxima eficiência. Apesar do imperativo de proteger a força de trabalho especializada em equipamentos bélicos — uma reivindicação em benefício próprio —, ele garantia que o problema da mão de obra para as necessidades do front podia ser resolvido, mas só se a responsabilidade fosse confiada a uma “personali-

dade” investida de poderes plenipotenciários e preparada para trabalhar com energia e dinamismo, de modo a superar interesses contrários e coordenar as mudanças de organização necessárias na Wehrmacht e na burocracia do Reich que permitissem o aproveitamento integral dos recursos humanos disponíveis.¹⁸

Speer não fazia muita questão de disfarçar o que pretendia: ganhar o controle total da coordenação de armamentos e pessoal em todas as seções da Wehrmacht, o que iria somar-se aos poderes que já detinha sobre a produção de armas. Caso tivesse conseguido satisfazer essa ambição, Speer se tornaria, por meio de seu império de armamentos, o senhor supremo da operação pela guerra total.¹⁹ O impacto, nas circunstâncias, que esse memorando poderia ter causado em Hitler, bem como na reunião planejada para 21 de julho, na qual se discutiria a guerra total, é algo que não se pode saber. Pois não houve tempo para apresentar esse segundo memorando a Hitler antes que os acontecimentos do mesmo dia em que ele foi escrito, 20 de julho de 1944, ocupassem a mente do ditador.²⁰

II

As esperanças que os alemães ainda mantinham sob o impacto dos acontecimentos no front ocidental e em seguida no oriental, no verão de 1944, cristalizaram-se naquilo que viera à tona como o derradeiro objetivo da guerra: a defesa do Reich. As grandes e utópicas ideias de uma Alemanha comandando todo o território que ia do Atlântico aos montes Urais já estavam esquecidas havia tempo, persistindo apenas como um devaneio para alguns. Aos poucos, de maneira quase imperceptível e até mesmo sorrateira, as antigas visões de uma gloriosa “vitória final”, por mais incipientes que tivessem sido, foram se curvando à amarga realidade e a um objetivo bem limitado e defensivo: manter o inimigo fora do solo alemão. A era das ofensivas blitzkrieg, quando a Wehrmacht passava por inimigos mais fracos como a faca passa pela manteiga, era coisa do passado. Numa guerra que se transformara numa prolongada atitude de defesa diante de inimigos poderosos, com imensos recursos, as limitações de Hitler como senhor da guerra ficavam cada vez mais evidentes. Ao mesmo tempo, o que ele via como o objetivo da conflagração, ou como esta poderia chegar ao fim, havia se tornado algo inteiramente nebuloso.

Ele simbolizava, por certo, uma vontade indômita de resistir até a última

polegada de território, jamais capitular. E ainda era capaz de empolgar as pessoas próximas pela força de sua determinação, pelo otimismo sem limites. Comandantes militares calejados pelas batalhas no front começavam uma reunião com Hitler tomados pelo ceticismo e saíam dela sentindo-se revigorados, cheios de otimismo. Outros, entretanto, ficavam chocados diante da ausência de um pensamento definido sobre estratégia e táticas. Quando o general Friedrich Hoßbach encontrou-se com Hitler na noite de 19 de julho de 1944, para receber o comando do Quarto Exército, viu o ditador, de quem havia sido ajudante na Wehrmacht, como “curvado e precocemente envelhecido”, incapaz de apresentar algum objetivo estratégico de longo alcance e muito superficial em seus comentários sobre a posição tática. Hoßbach limitou-se a aceitar o cargo, disse a Hitler que agiria de acordo com o juízo que fizesse ao avaliar a situação e se esforçaria ao máximo para recuperar uma posição perdida durante a destruição do Grupo de Exércitos Centro.²¹

A essa altura, inúmeros comandantes militares já haviam questionado, em vão, as decisões de Hitler. Era impossível manter uma argumentação racional diante de sua presença dominadora. Como líder supremo, ele não tolerava a menor objeção. Seu direito de comando era aceito por todos. E aqueles em posição de autoridade continuavam tentando executar suas ordens. No entanto, sua retórica emotiva porém vazia e a exoneração de generais que não conseguiam alcançar o inalcançável dificilmente funcionavam como estratégia, muito menos como uma definição clara de objetivos. Em particular — e essa era uma questão crucial —, Hitler não tinha a menor saída estratégica para a guerra a que arrastara seu país. Repelir a invasão aliada, ele declarou certa vez a seus assessores militares, seria decisivo para a guerra.²² Quando a invasão mostrou-se bem-sucedida, contudo, ele não tirou conclusão nenhuma, além da disposição de prosseguir lutando. Uma vitória categórica já não era mais possível. Até mesmo Hitler podia entender isso. Mas negociar com o inimigo a partir de uma posição de fraqueza era uma hipótese que não podia ser considerada nem por um segundo. Só restava continuar guerreando e esperando que alguma coisa acontecesse. E isso significava ganhar tempo.

O general Alfred Jodl, chefe do Estado-Maior de Operações da Wehrmacht, porta-voz e braço direito de Hitler nas questões militares, refletiu em seus comentários a ausência de objetivos estratégicos definidos, ao dirigir-se à sua equipe em 3 de julho de 1944:

Nossa orientação na guerra, em todos os fronts: o foco agora está em ganhar tempo. Alguns poucos meses podem tornar-se decisivos para salvarmos nossa pátria [...]. Os armamentos podem justificar grandes esperanças [...]. Tudo está sendo preparado, e os resultados devem aparecer num futuro próximo. O fundamental, portanto, é lutar, defender, resistir, fortalecer psicologicamente as tropas e a liderança. Vamos fazer de tudo para manter o front no ponto em que se encontra agora.²³

Muitos oficiais nos altos escalões da Wehrmacht tinham a mesma postura: reforçar as defesas abaladas, resistir, reerguer as linhas de batalha enquanto trabalhando febrilmente para aumentar a produção de equipamentos bélicos, conseguir reforços para as tropas e desenvolver novas armas tornaram-se fins em si mesmos, em vez de etapas na consecução de uma estratégia militar e política previamente traçada. O coronel-general Heinz Guderian, indomitável comandante de blindados, à época inspetor geral das Tropas Panzer, observou de maneira aprovadora que, ao substituir o marechal de campo Ernst Busch (de uma lealdade indiscutível, mas transformado em bode expiatório devido a graves erros cometidos no desastre que atingiu o Grupo de Exércitos Centro) pelo marechal de campo Walter Model, típico linha-dura, Hitler encontrara “o melhor homem possível para executar a tarefa fantasticamente árdua de reconstruir uma linha no centro do front oriental”.²⁴ Esse não era, contudo, um objetivo estratégico, mas uma mera incumbência do tipo “apagar incêndio” a ser efetuada pelo homem que, em consequência do número de posições difíceis que era chamado a recuperar, tornou-se conhecido como “bombeiro de Hitler”. Muitos comandantes militares, por mais variados que fossem seus níveis de entusiasmo pelo regime, agiam como Model, empenhando-se ao máximo para cumprir profissionalmente suas obrigações, segundo uma disciplina férrea, indo ao limite extremo de suas capacidades e — ao menos em público — sem fazer perguntas sobre os objetivos políticos. Aqueles ousados o bastante para exprimir opiniões que, embora realistas, não se encaixavam no otimismo exigido por Hitler viam-se substituídos, como aconteceu com o comandante em chefe do Oeste, militar de enorme experiência, o marechal de campo Gerd von Rundstedt, e o habilidoso comandante do Grupo Panzer Oeste, o marechal de campo Geyr von Schweppenburg, no princípio de julho.

Em conversas privadas, oficiais do alto escalão da Wehrmacht estavam divididos em sua visão das perspectivas da guerra. Entre aqueles da mais irrestrita

lealdade, assim como entre comandantes no front de batalha, que raramente dispunham de tempo para análises detalhadas e, de todo modo, tinham poucas informações sobre o quadro geral, havia os que consideravam as perspectivas militares e políticas da Alemanha longe de promissoras. O próprio Hitler, por anos, já tinha punido as atitudes consideradas derrotistas e negativas, que, no seu entender, caracterizavam o Estado-Maior Geral do Exército, responsável pelo planejamento das operações no front oriental. Seus crescentes e amargos desentendimentos com o chefe do Estado-Maior Geral, Franz Halder, fizeram com que este fosse substituído em setembro de 1942 pelo enérgico e dinâmico Kurt Zeitzler. Mas, esgotado pelos seguidos conflitos com o ditador, que haviam chegado ao clímax com a destruição do Grupo de Exércitos Centro, Zeitzler sofreu um colapso nervoso no fim de junho de 1944. Tinha acabado de dizer a Hitler que a guerra estava militarmente perdida e que “alguma coisa teria de ser feita para encerrá-la”.²⁵

Zeitzler exprimia um sentimento muito difundido no Estado-Maior Geral, de acordo com uma carta redigida em sua defesa por seu auxiliar, o tenente-coronel Günther Smend, no dia 1º de agosto de 1944. Smend fora preso por sua conexão com a conspiração de Stauffenberg, seria condenado à morte em 14 de agosto e executado em 8 de setembro. É bem possível que antes da carta tivesse sido torturado e, de algum modo, ele houvesse exagerado o sentimento subversivo existente no quartel-general do Estado-Maior Geral. Assim mesmo, a carta oferece uma visão clara do clima reinante. Em face de uma ameaça de execução praticamente certa, Smend não teria motivos para inventar histórias. As dúvidas quanto a uma vitória final haviam aumentado, escreveu Smend, desde a derrota catastrófica em Stalingrado, em fevereiro de 1943. A distância crescente entre as recomendações do Estado-Maior Geral e as decisões de Hitler havia causado fortes críticas ao Führer, em especial na Seção de Operações, críticas essas que oficiais graduados não se preocuparam em atenuar. Na verdade, o chefe de Operações, o general Adolf Heusinger, endossara a condenação do modo como Hitler conduzia a guerra.²⁶ Não existia mais uma crença firme no ditador. O clima, em todo o Estado-Maior Geral, era de desespero, motivado sobretudo pelos desastres no leste mas também pelas más notícias vindas de todos os fronts, indicando que a guerra estava perdida. Erros graves tinham sido cometidos, e Hitler já era considerado um fardo para os militares. No dia de seu colapso nervoso, segundo o relato de Smend, Zeitzler fora extremamente duro na avaliação do quadro geral, em tudo que tivesse relação com Hitler. Ele havia recomendado a indicação de

Himmler como uma espécie de “ditador da pátria”, capaz de conduzir a Alemanha ao engajamento no esforço pela guerra total, algo que vinha sendo alardeado pela propaganda sem jamais ter sido posto em prática com o necessário rigor. Desde então, com Zeitzler fora de ação e o Estado-Maior efetivamente sem líder por quase um mês, o sentimento crescente era de que “Hitler não vai resolver isso”. As opiniões tornaram-se ainda mais contundentes, indicando que “é tudo uma loucura”. Os jovens oficiais, em particular, consideravam o Führer o grande responsável pela situação. Era do conhecimento geral, escreveu Smend, que já circulavam ideias de eliminar Hitler.²⁷

Em 20 de julho de 1944, essas ideias — sugeridas, concebidas e elaboradas numa conspiração envolvendo figuras proeminentes das Forças Armadas, da inteligência militar, do Ministério do Exterior e de outras áreas na liderança do regime — culminaram no atentado à vida de Hitler cometido pelo conde Claus Schenk Graf von Stauffenberg e no subsequente *coup d'état* fracassado que se originou no quartel-general das Forças de Reserva, em Berlim. Nesse 20 de julho, Stauffenberg colocara uma bomba sob a mesa de Hitler durante uma reunião militar, pouco depois do meio-dia, no quartel-general do Führer na Prússia Oriental. A bomba explodiu, matando ou ferindo gravemente a maioria dos presentes no barracão de madeira. Mas Hitler sobreviveu, sofrendo apenas ferimentos leves. E assim que isso ficou evidente, desfez-se o apoio ao golpe planejado para suceder à sua presumida morte, e que desmoronou por completo até o fim da tarde. Stauffenberg e três outros colaboradores próximos foram abatidos por um pelotão de fuzilamento tarde da noite. Os outros membros da conspiração logo estavam presos. Muitos deles foram torturados, submetidos a sinistros simulacros de julgamento e em seguida barbaramente executados.

A tentativa de assassinato planejada por Stauffenberg assinalou uma mudança interna na história do Terceiro Reich.²⁸ Com o fracasso do atentado veio não apenas o temor de retaliações aos envolvidos, mas também uma significativa radicalização do regime, tanto na repressão como na mobilização. Os desdobramentos do golpe frustrado causaram um enorme impacto nas estruturas governamentais do regime, nas mentalidades das elites civis e militares (em certa medida, também, na população em geral) e nas possibilidades que restavam, tanto de “mudança no regime” como no de fim da guerra.